

Nota do Editor

*Manuel Moreira da Silva*¹

Fiel ao seu programa de publicar textos em torno da Tradição dialética e do Idealismo especulativo, este número de *Contradictio* abre-se com um interessante artigo sobre *a linguagem e a formação do sujeito moral no discurso sobre a desigualdade de Jean-Jacques Rousseau*, de autoria de Rodolfo de Souza. Como que dando sequência à discussão em torno da formação do Eu, mas agora na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, Matheus Pelegrino da Silva analisa *o papel formador do trabalho na dialética do senhor e do escravo* e Adriano Blattner Martinho busca realizar uma determinação da individualidade nos quadros da discussão hegeliana da Psicologia, da Frenologia e da Fisiognomonía. Seguem-se dois artigos sobre dois temas importantes, mas atualmente pouco estudados da *Ciência da Lógica*: no primeiro Marcos Fábio Alexandre Nicolau discute o que ele designa o começo triádico da Lógica, no caso as determinações do Ser, do Nada e do Devir; no segundo, Leonardo André Paes Müller tematiza o tratamento hegeliano da aritmética na Doutrina do Ser. Enfim, Paula Regina Farias dos Santos encerra o presente número com o artigo *Hegel e a dialética como movimento necessário no interior da arte*.

No artigo *A linguagem e a formação do sujeito moral no discurso sobre a desigualdade de Jean-Jacques Rousseau*, Rodolfo de Souza discute a necessidade de se pensar a formação do sujeito moral na perspectiva da análise da linguagem e suas implicações nos estudos sobre a função da retórica na política. De acordo com autor, seu objetivo é chamar atenção para a transição entre linguagem, língua e retórica, transição que ocorre paralelamente à passagem do isolamento primitivo para a formação da sociedade civil mediante o pacto político, passando pela formação da noção de propriedade. Neste sentido, a concepção do homem natural auxiliaria na noção do sujeito moral e a narrativa sobre o estado de natureza revelar-nos-ia a tríade linguagem, língua e retórica de modo a integrar a concepção do homem como indivíduo com consciência de si mesmo, o início da sociedade civil ligado à ideia da propriedade e o

¹ Professor Doutor da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO/PR. Primeiro Secretário da Sociedade Hegel Brasileira – SHB.

estabelecimento da sociedade civil com o discurso “sedutor” do rico que propõe o pacto político. O problema que emerge deste processo é o conflito até certo ponto apenas aparente entre moralidade, política e retórica, o qual é também objeto de interrogação para o autor.

Já em *Uma análise sobre o papel formador do trabalho na dialética do senhor e do escravo de Hegel*, Matheus Pelegriano da Silva busca apontar o que para ele se mostra como a insuficiência da explicação que Hegel nos dá a respeito de como o trabalho é a causa da negação do medo da morte. Partindo da constatação que, na seção “Dominação e Escravidão” da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, o trabalho do escravo possui um duplo propósito, tornar o escravo livre de seus desejos e produzir a eliminação do medo da morte, o autor pretende demonstrar que a negação do medo da morte não é uma questão menor, mas uma questão fundamental, que tem de ser explicada. Ainda nos quadros da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, no artigo intitulado *Determinação da individualidade em Hegel*, Adriano Blattner Martinho pretende sugerir diretrizes de pesquisa sobre o modo de determinação da individualidade no pensamento hegeliano; isso porque, no dizer do autor, buscar em Hegel a compreensão do modo de efetivação da individualidade pode parecer infrutífero, sobretudo se o esforço necessário for comedido ao sabor do vendaval que propaga a má reputação do filósofo quanto a este tema. Em razão disso, o autor se dispõe a reacender as invectivas da *Fenomenologia do Espírito* contra a Psicologia, a Frenologia e a Fisiognomonia lançando, segundo ele, uma suspeita sobre um juízo bastante difuso acerca da inépcia de Hegel para responder a essa ordem de exigências da individualidade. Assim, no influxo da crítica hegeliana ao conceito transcendental de sujeito, e com base na exegese de Hegel, Adriano Blattner Martinho argumenta que o reconhecimento da realidade dos universais e a postulação do espírito como princípio de individuação não implicam determinação prévia do caráter individual.

Sobre o começo triádico da Lógica hegeliana: o ser, o nada, o devir, de Marcos Fábio Alexandre Nicolau discute, nos traz uma consideração em torno do fato que a recusa hegeliana a todo Absoluto intuído ou posto irrefletidamente exigiu a elaboração de um sistema filosófico inteligível e discursivo do princípio ao fim. Para o autor, a ideia daí decorrente é que a possibilidade de inteligibilidade deste Absoluto é correlata à possibilidade de sua exposição, caso em que o desenvolver de um princípio primeiro-

último especulativo, na filosofia hegeliana, marca o papel inequívoco de mediador, no sentido de liberar o sistema de métodos e propostas exteriores e contingentes que ainda o condicionam. De acordo com Marcos Fábio Alexandre Nicolau, o resultado disso é que, na *Ciência da Lógica*, a pressuposição de um começo imediato e vazio do sistema das categorias do Absoluto e o discurso metodológico pelo qual ele se expõe precisam ser descritos e explicados, devido justamente ao caráter incondicional do pensamento puro, no qual se estrutura tais bases para o dito sistema. Em *Hegel e a aritmética: o número e as operações*, Leonardo André Paes Müller busca expor, segundo ele através de um comentário bastante rente ao texto da seção Quantidade da *Ciência da Lógica*, a maneira como Hegel compreende o número e as operações aritméticas. O autor pretende analisar a forma como Hegel apreende o número e as operações aritméticas (no caso a soma e a subtração, a multiplicação e a divisão, a potenciação e a radiciação) tomando como base nas determinações fundamentais da Quantidade mediante as quais Hegel estrutura sua exposição.

Enfim, concluindo o presente número de *Contradictio*, em *Hegel e a Dialética como movimento necessário no interior da Arte*, Paula Regina Farias dos Santos analisa o percurso dialético promovido pela arte no interior da estética hegeliana. Desse modo, no dizer da autora, faz-se necessário acrescentar o papel primordial da história da arte, do movimento histórico desta como manifestação cultural de um povo, na qual as diversas formas de obra de arte representam a tentativa de adequar o conteúdo espiritual à forma material. Como resultado de seu percurso, a autora conclui que assim como a filosofia em Hegel não fica apenas no aspecto da abstração, mas deve procurar sua relação com a história e esta como razão a realiza, a arte também não deve se limitar ao âmbito puramente da reflexão, mas deve partir da essência para sua realização como belo através da obra propriamente dita. Em vista disso, conforme Paula Regina, Hegel une o belo ideal da teoria platônica à ideia de beleza em sua realização concreta e empírica aristotélica, e tenta preencher a oposição anteriormente deixada pelos filósofos idealistas entre subjetividade espiritual e objetividade.